

# **ANÁLISE DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES COM MEGASCLERAS DE PORÍFEROS DO AFLORAMENTO BUDÓ, FORMAÇÃO RIO DO SUL, RS**

*Lucas Del Mouro<sup>1,3</sup>; Antonio Carlos Sequeira Fernandes<sup>2,4</sup>; Daniel Wagner Rogério<sup>1,5</sup>*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Av. Athos da Silveira, Ilha do Fundão, CEP 21949-900, Rio de Janeiro, RJ, delmouro@ufrj.br, danielwr@ufrj.br; <sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, fernande@acd.ufrj.br; <sup>3</sup> Bolsista Faperj; <sup>4</sup> Bolsista de Produtividade do CNPq; <sup>5</sup> Bolsista Capes.

Nas bacias sedimentares brasileiras são poucos os trabalhos voltados ao estudo dos poríferos, normalmente limitados a citações da presença de espículas silicosas isoladas em algumas formações paleozoicas. Para a Bacia do Paraná, uma bacia vulcano-sedimentar com registro geológico do Neo-Ordoviciano ao Neocretáceo e situada no centro-leste da América do Sul com uma área superior a 1.600.000 km<sup>2</sup>, a primeira referência a esses animais deve-se a Rudolf Ruedemann em 1929 que registrou a presença de espículas no Grupo Itararé. Posteriormente, Damiani Pinto em 1947 assinalou a existência de espículas isoladas nos sedimentos do afloramento Budó, que era associado até aquele momento à Formação Maricá. Este afloramento se encontra às margens da BR-473, a 6 km do entroncamento com a RS-011 entre os municípios de Bagé e Lavras do Sul. Constituído por siltitos, arenitos, ruditos e argilitos, o afloramento possui um conteúdo fossilífero representado também por braquiópodes, escolecodontes, restos vegetais, escamas e dentes de peixes. Quanto aos poríferos, amostras com espículas isoladas foram coletadas e estudadas por Emmanuel Martins em 1948 e tombadas no acervo do Museu Nacional/UFRJ sem uma identificação taxonômica. Igualmente, Karl Beurlen, em 1953, também coletou amostras com espículas no mesmo afloramento, depositando-as no Departamento Nacional da Produção Mineral/Rio de Janeiro. A partir da revisão e análise das amostras com espículas presentes nesses exemplares, únicos do referido afloramento, obteve-se que a maioria das espículas são monoaxônicas diactinais com tamanhos variando de 5,00 mm a 18,89 mm na amostra MN 4353-I (Museu Nacional) e 5,16 mm a 6,10 mm na amostra 4285-I (DNPM). Essas megascleras monoaxônicas diactinais são associadas a indivíduos da classe Demospongea; contudo, não é possível atingir categorias taxonômicas inferiores à classe, pois as espículas são poucas, isoladas e mal preservadas. Na amostra 4285-I foram encontradas também algumas do tipo stauractinal (espículas com quatro raios arranjados em um único plano) e algumas pentactinal (espículas com cinco raios) com tamanhos variando entre 0,94 mm a 1,0 mm e 0,45 mm a 1,05 mm, respectivamente. Essas megascleras estão relacionadas aos espongiários da classe Hexactinellida.

**PALAVRAS-CHAVE:** PORÍFEROS, AFLORAMENTO BUDÓ, FORMAÇÃO RIO DO SUL.